

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 08 Dezembro, 2021

Conhecendo o gênero Dark Fantasy



EDITORA CYBERUS

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 07 Conhecendo o gênero Dark Fantasy
Por Luísa Novaes
- 10 CONTO "INIKO 410"
Ale Marques
- 19 CONTO "ALGUMAS COISAS NÃO MUDAM"
Nara Assis
- 24 CONTO "PRISIONEIRO DE SI MESMO"
Pedro Coppola
- 29 CONTO "EM BUSCA DE ABRIGO"
Verônica Barboza Scartassini
- 34 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

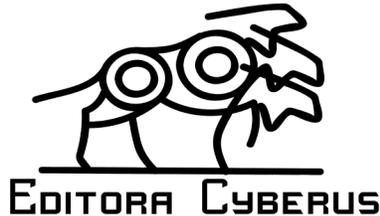
A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta oitava edição traz alguns contos de ficção científica, além de uma matéria sobre dark fantasy, escrita por uma de nossas parceiras.

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:

Maurício Coelho

REVISTA TRICERATA

Capa:

Shutterstock

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.

Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

REVISTA TRICERATA. Vol. 2, nº 8, 2021. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus. ISSN 2675-9349



CONHECENDO O GÊNERO DARK FANTASY!

LUÍSA NOVAES

Muita gente gosta e às vezes não sabe o que exatamente define esse gênero. É justamente o aspecto sombrio do Dark Fantasy, que dá aquele tchan, um gostinho muito mais intenso aos universos de fantasia, fugindo completamente dos padrões que conhecemos e agradando a maioria dos fãs.

Dark Fantasy é um subgênero da fantasia e explora seu lado mais sombrio. Sempre acompanha elementos de terror ou horror, como criaturas malignas, combates e mortes mais sangrentas, magia, além de enfatizar o lado psicológico

do terror: medo, agonia, aflição, nojo etc.

Pode, portanto, conter todos esses elementos ou apenas alguns deles em várias intensidades diferentes, a depender da obra. Tudo isso em um cenário de fantasia, geralmente com uso de magia ou habilidades mágicas, mas também com os clássicos combates e duelos de espadas.

É muito fácil confundir fantasia normal com Dark Fantasy, isso porque na fantasia normal sempre acaba tendo um castelo macabro, um pântano com mortos vivos, etc... Porém isso não deve definir uma obra, o fato de terem essas

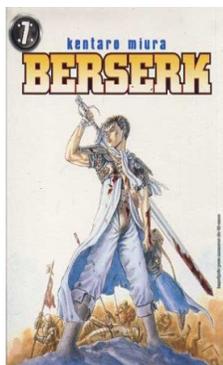
coisas apenas torna essas obras com "elementos de Dark Fantasy", algo que não é grande coisa já que é muito difícil um universo medieval não ter o seu canto das trevas.

O mangá *Berserk* é uma imensa referência de Dark Fantasy, pois há um clima pesado de um mundo amaldiçoado. O conto a máscara da morte rubra é outro que se encaixa no gênero, mostrando um reino inteiro sendo destruído por uma doença, enquanto uma parcela mínima se isola e finge que nada aconteceu.



Kentaro Miura

Para obras que tem visual (filmes, séries, jogos, animes, etc...), um filtro



sombrio é algo essencial para uma atmosfera Dark Fantasy puro, tem obras que acabam tendo essa essência roubada por causa do visual que é padrão de um universo medieval qualquer. É só ver *The Witcher 3* que é bonito demais, com belas florestas o tempo todo, pôr do sol lindo, etc. Essas coisas existem em Dark Fantasy, mas não são o todo, são "pérolas" em meio às trevas.



Se você observar outros tipos de mídia em que *The Witcher* foi apresentado, como nos quadrinhos *Os Filhos da Raposa*, vai perceber que a essência de Dark Fantasy é bem mais forte, pois você não tem a liberdade de ver o mundo

maravilhoso, é fechado a uma história sombria onde todo mundo sabe que vai morrer e a maioria do tempo o ambiente é bem sombrio, o mesmo serve para *A Casa de Vidro* que se passa em um pântano.

Mas apesar de estar em todo tipo de mídia, esse gênero nasceu na literatura e a americana Gertrude Barrows Bennett é que recebe os créditos de ter inventado o gênero, no entanto antes dela já existiam histórias desse tipo, como *Máscara da Morte Rubra*, de Poe, que é de 1842, enquanto a escritora nasceu em 1883.



Outra coisa é que existe uma briga, e alguns escritores defendem que o termo deve ser usado não apenas para universos de fantasia, mas para qualquer coisa que envolva algo sombrio como fundo. Ou seja, isso inclui romances como *Crepúsculo*, que tem vampiro como protagonista e animações como: *O Estranho Mundo de Jack*.

Enfim, universos tradicionais de fantasia fazem pessoas terem vontade de viver lá, pensam em magias brilhantes, em batalhas épicas e vitórias, as coisas ruins são secundárias. Em Dark Fantasy é exatamente o contrário e o foco é em tudo que tem de pior nesses ambientes, doenças, injustiças, mortes grotescas, maldições tomando lugares etc.

NIKO 410

Ale Marques

Todos os olhos estavam vidrados na tela enorme pairando sobre a praça principal. As luzes piscavam para todos os lados, um clarão de movimentos e rostos estáticos concentrando-se no maior espetáculo do ano. Eram tantas pessoas espremidas uma nas outras que Skyler não conseguia passar com suas caixas de papelão. Estava com pressa naquela noite. Tinha que conseguir fugir dali antes que a encontrassem, ou melhor, antes que a roubassem. A gangue 404 estava roubando todos os aparelhos eletrônicos de todos os moradores da região pobre de Hipérion, a cidade abandonada ao caos. Usada como um palco de apresentações para eventos da alta sociedade, a cada 1 ano um mega evento de esportes acontecia, mantendo o mundo todo voltado para apenas uma coisa. Esse ano seria uma luta épica entre um robô chamado CONTROLX e um humano mestre de artes marciais e praticante de capoeira, uma dança há muito esquecida na mente de todos, dizem que era um símbolo da cultura da região. Skyler achava que não fazia sentido nenhum um homem humano lutar até a morte com um monstro de metal e aço, estava claro o perdedor, mas sabia também que todos gostavam de ver injustiça e sangue nos dias de hoje. Iria usar aquele horror a seu favor. Com os seus pertences dentro da mochila surrada e as caixas em seus braços foi empurrando as pessoas para conseguir passar, pisou nos pés de vários homens de meia idade esperando o grande show na cerca posta para separar o palco do público, sem tempo para desculpas foi indo em direção a sua nova casa. Um prédio abandonado por estar perto da beira-mar, a qual estava contaminada com a poluição. O cheiro era insuportável dia e noite, mas não achou melhor opção depois que saiu da casa de seus pais ao sul do país, ela escolheu usar suas habilidades para o bem deles, depois do escândalo da implementação do projeto GENO

em crianças que deixou milhares com doenças genéticas, numa tentativa falha de curar falhas no DNA. Viu aquelas pobres almas inocentes virarem inválidos, um deles seu irmão mais novo, atualmente sendo alimentado por tubos e carregando aonde vai um tanque de oxigênio. Ela sabia que seus pais estavam à beira do colapso financeiro, mas não falavam nada, para o "bem da família".

Skyler sabia como sobreviver, pedindo carona para viajantes, indo de cidade em cidade trabalhando em lugares duvidosos, onde empresários e cientistas sentavam-se em mesas extremamente polidas, discutindo experimentos, uma nova forma de controlar quem eles quisessem. O que ela fazia? Decodificação, hacks para quem pagasse melhor. Sem bússola moral. Seu objetivo era um só: arrancar dinheiro daqueles filhas da puta da Corporação Electric Dreams, a culpada de estar longe de casa ansiando por justiça a todos que não tiveram escolha, a culpada por estar caminhando por uma cidade sem leis, sozinha, pegando todo o dinheiro que conseguia e mandando para sua verdadeira casa, em Palene. — Peguem a vadia! — Skyler escutou a gangue virando o beco, em seu encalço, se não fosse rápida como a morte, ela estaria fodida. Agarrou as caixas com tanta força que seus dedos ficaram pálidos, pôs-se a correr beco a dentro, suor escorria de suas têmporas e sua coluna, nada podia piorar do que os sanguinários metidos a acid punk querendo tudo que tinha, seus instrumentos de trabalho. Não. Ela precisa escapar. Só não esperava com uma imensa grade de ferro em seu caminho.

— Merda. Ok, que tal a gente fazer um acordo? Eu tô cansada de correr, vocês estão cansados pelo fedor de axila no ar ou é só o cheiro normal de vocês? Enfim, eu posso trabalhar com vocês, consigo acessar lugares escuros, sabe, sou quase uma Elliot Anderson feminina e com menos problemas mentais. Eu acho. — Estava ganhando tempo, em 5 minutos sabia que fogos iriam disparar causando um imenso barulho. A distração.

— Uma mulher trabalhando na 404? Aqui é só lugar de predadores buscando diversão nesse fim de mundo, e claro, buscando dinheiro com o

lixo de tecnologia de vocês. Sabia que essas versões que tu tá carregando aí são de quinta? Pois é, lá na capital é tudo de primeira, guria. — Ela olhou para o céu, esperando, aquele cara era um merda, mas tinha razão em uma coisa. — Tem razão, cara de rato. O que tenho aqui é uma merda, mas funciona, é tudo que tenho no momento, mas em breve terei os de primeira, aquelas lindas máquinas da capital com nanotecnologia e supercomputadores espalhados por cada canto... só preciso sobreviver para conseguir tudo o que quero, entendem? — Skyler manteve o ar confiante enquanto falava sobre seu objetivo, mas não ele por completo. — Olha ela, sonhando alto como se não fosse um lixo humano do sul, refugiada, não é? Dá pra saber pelo ar presunçoso de quem acabou de perder tudo, mas ainda acha que vai conseguir tudo de volta. Sem família? Aposto. — Vai à merda, tu não sabe nada sobre mim, ninguém sabe. Só quer tirar das pessoas que tentam se agarrar a um fio de esperança, acha mesmo que tirando tudo da gente vai matar a nossa vontade de continuar tentando? Não. Eu nunca vou parar, assim como os outros. Se eu conseguir ir pra capital, o que vou, posso dar os eletrônicos que quiserem. Me deixem ir, apenas isso. — Ela olhou para o céu, 2 minutos pra explosão de fogos. — Belo discurso, mas como saberemos se é verdade? Que não passa de uma mendiga mentirosa que faz todo trabalho sujo pra quem paga mais? Tu é uma cínica, acha que não te perseguimos? Tu só ajuda os merdas que abandonaram essa cidade e a transformaram em um show de horrores, nós apenas encontramos uma forma de se misturar ao show. — O som ensurdecedor tomou conta antes que ela pudesse falar algo, se agarrou na grade e escalou antes que um deles conseguisse puxar sua perna, outros pularam na grade e ela saiu correndo novamente. Dobrou uma rua cheia de crianças sentadas em papetes brincando com fósforos, apenas olhou de relance para os rostos sujos antes de esbarrar em um homem de terno preto, a caixa voou alto e bateu com um baque no chão, quebrando suas coisas ou sumindo sob pés apressados de espectadores.

— Porra! Qual é o seu proble... — Ela engasgou assim que viu quem

era, Gibson Wills, fundador e presidente da Corporação Electric Dreams a encarando tranquilamente. — Tome mais cuidado da próxima vez, suas coisas caíram, deixe que eu as pego para você. — Ele se abaixou no chão e foi pegando os aparelhos quebrados, colocou-os na caixa e se levantou olhando com interesse para Skyler. — Tem coisas de profissional para uma jovem, por acaso trabalha com tecnologia? A julgar pela sua pressa, diria que está fugindo de alguém. Talvez uma gangue? Bandidos? Ouvi dizer que esse lugar está infestado deles, como pragas. Precisa de ajuda? — Ela estava sem palavras talvez pela primeira vez na vida, apenas continuou encarando aquele homem que destruiu a vida de sua família e de tantas outras. Aqueles olhos azuis despreocupados, aquele semblante de quem não lutava dia a dia para sobreviver, o qual havia dormido tranquilamente em sua cama quente, sob um teto de vidro, sem pensar nas milhares de vidas arruinadas. Ela queria quebrar aquele teto. — Não, estou bem. Só as minhas coisas que não... Meu trabalho tá arruinado de todo jeito, eles iriam tomar tudo, mas agora se quebraram, então perdi de toda a forma. Incrivelmente a culpa é sua duas vezes seguidas. — Minha culpa? Você que se colocou na minha frente correndo desgovernada. Sinto muito pelos seus pertences, se eram tão importantes, posso pagar se quiser. Sabe quem sou, certo? Duvido que não saiba, meu rosto está estampado por toda o mundo em cada outdoor. — Eu sei quem tu é, um tremendo de um filha da puta explorador corrupto metido a salvador da humanidade. Todas aquelas vidas que vocês arruinaram valem mais que todas as notas de 100 nos seus bancos. Valem mais que todos vocês. Não quero teu dinheiro banhado em sangue. — Ela pegou do chão a caixa e saiu caminhando pela multidão, deixando Gibson a olhando com curiosidade e colocando no bolso do paletó um celular com a tela rachada.

Skyler parou embaixo da cobertura de um prédio e se sentou de costas para uma pilastra. Suas coisas estavam de lado e deixou sua mochila no chão. Era uma cínica, uma trapaceira e uma perdedora. Seus pensamentos estavam confusos e sua cabeça não parava de girar, o coração batia forte

sob sua camiseta encharcada de suor. Wills, 404, seus planos quebrados no chão. Não tinha mais nada e a culpa era sua por achar que poderia destruir a companhia mais poderosa do mundo. Não sabia para onde ir, sua casa à beira mar provavelmente estava ocupada pelos caras de rato. Não queria admitir derrota, era orgulhosa demais para tal. Iria criar um novo plano de manhã, por agora precisava descansar. Estava exausta. Olhou por alguns segundos para a vista que tinha ao longe do evento do ano, todas aquelas pessoas cegas, todas aquelas luzes batendo em seus rostos, as risadas e os rostos formando expressões de satisfação enquanto o corpo do lutador humano caiu com um estampido no chão. Ela dormiu.

Uma luz branca ofuscou sua visão ao acordar, poderia ter dormido um dia inteiro a julgar pelo clarão do sol atingindo seu rosto, engraçado que estava sentindo a luz na sua pele, mas não o calor que geralmente vem junto. Sua visão se ajustou e conseguiu enxergar o por que de não estar sentindo o calor do sol, era porque estava dentro de uma sala fechada cheia de refletores. Olhou a sua frente e viu apenas paredes azuis a cercando, diversos computadores e campos de contenção marcando até onde acabava um corredor. Uma linha preta brilhante fazia uma curva, ela seguiu a curva e encarou pessoas presas em camas metálicas, não adultos, mas sim jovens, todos jovens... assim como ela. — Que porra é essa? — Ela sussurrou para si mesma tentando se libertar da cama, foi aí que notou que estava paralisada do pescoço para baixo. Terror a atingiu e movia os olhos em todas as direções tentando encontrar algo conhecido, até que reconheceu a criança que estava brincando com fósforos no beco. — Ei, onde estou? Como vim parar aqui? POR FAVOR, RESPONDE. — Seus olhos começaram a lacrimejar e logo pararam quando uma porta no final do corredor se abriu, primeiro viu os sapatos reluzentes em preto, depois sua calça social, seu paletó passado perfeitamente e em seguida seu rosto tranquilo. Gibson Wills.

— Bom dia, Srta. Skyler Iniko, confortável? — Ele caminhou lentamente na direção dela, com passos silenciosos e com as mãos nos bolsos da calça.

Era um arrogante desgraçado. — Deveria tomar cuidado ao dormir na rua, sabe, há muitas pessoas ruins por essa cidade que simplesmente poderiam te sequestrar durante seu sono. Não sentiu nada, não é mesmo? Nossos aparelhos estão cada vez mais avançados, nesse momento está se sentindo tonta e confusa, com uma irritação sob a pele que não consegue coçar, além disso não pode se mover, terrível, não? Eu adorei. — Ela trincou os dentes e esperou ele se aproximar mais, deixe-o falando orgulhosamente. — É nessa hora que eu explico o meu plano vilanesco, talvez deveria pular essa parte tediosa ou talvez lhe diga, apenas para acabar derrotado pelo herói no final da cena. Heroína no nosso caso, uma refugiada hacker buscando vingança pelo irmão inválido. Eu assistiria esse filme, teria uma reviravolta surpreendente no final, cheio de ação e sangue. O seu sangue espalhado no chão. — Ele chegou em sua frente e olhou-a nos olhos verdes cheios de ódio. — Nossa, tu consegue ser mais assustador que um Muppet com raiva, dá vontade de rir, mas nem isso tu merece. Não vou gastar saliva dizendo o quanto eu te repugno, só digo uma coisa: Eu vou lutar até o meu último suspiro, até quando meus olhos não conseguirem mais se manter abertos, até minhas pernas se dobrarem eternamente. Eu vou lutar. Vou fazer justiça por meu irmão, por todas as crianças imóveis dessa merda de país. Por todos os calados. — Skyler falou com imagens de sua família na cabeça, as crianças do beco, o lutador caído, noticiários reportando a falha de GEN0. — Adoro vocês, jovens revoltados com o sistema e seus discursos de esperança. Mal sabe você que eu estou apenas corrigindo meu erro do passado, utilizando mentes jovens, essas coisinhas brilhantes e petulantes para ajudar as crianças. Por que utilizar mentes artificiais para serem enfermeiras virtuais para todas elas, se posso utilizar as suas mentes cheias de memórias de cada um delas? Uma criança frágil ficaria imensamente feliz em ouvir a voz de um ente querido próximo sem ser seus pais, certo? Irmãos, primos, amigos. O software familiar. — Me transformar em um software? Talvez esse seja meu sonho transformando em realidade de uma forma muito bizarra. Eu, uma adolescente com uma

carreira dedicada a programação, fã de Matrix, acaba virando uma mente artificial para sempre. Ironia divina. — Escondendo o medo por trás de piadas? Vou substituir suas habilidades, transformar cada um em uma porra de um especialista, com 0 margem de erros para diagnósticos e cuidados avançados dos pacientes. Essa sua mente vai só pensar o que sua programação mandar. Agora, chega de conversa fiada e vamos ao trabalho, os doutores irão começar o procedimento. Ah, claro, isso vai ser bem desconfortável. Pronto, revelei o plano, agora pode me derrotar, se conseguir... — Wills se virou indo na direção de uma tela com gráficos, as possíveis taxas de sucesso do projeto, os níveis cerebrais de cada jovem posto naquela sala. Percebeu que aquilo seria um teste. Um teste se bem sucedido seria uma caça pelos entes queridos de todas as crianças prejudicadas. Não poderia acabar ali, mas não tinha saída, estava impotente presa feito um rato de laboratório. Dois doutores se aproximaram com injeções com um líquido amarelo brilhando. — Pode ser meu fim agora, posso morrer nessa merda de cama, mas eu não vou descansar. Se há vida depois disso, irei te encontrar e te esmagar feito uma barata, só vai sobrar teus restos, irreconhecível. Será apagado da história. Um erro finalmente corrigido. — Então ela manteve os olhos abertos, com as pupilas dilatadas, os lábios formando um sorriso sonhador. O filme de sua vida surgiu no fundo de sua mente feito um clássico em preto e branco, com cores em neon em si mesma, girando, girando no tempo-espaço, até vir o apagão.

Olá, sou sua nova assistente médica, programada para atender suas necessidades. Meu banco de dados é composto por todo o conhecimento adquirido sobre a anomalia genética da Talassemia, sua principal característica é a produção anômala de hemoglobina, uma proteína do sangue responsável pelo transporte de oxigênio para todos os tecidos do organismo, você a porta desde o nascimento, dentre os tipos da doença, o seu tipo inicial era o intermediário, a deficiência da síntese de hemoglobina é moderada e as consequências menos graves, após a falha de GEN0 se agravou para o tipo major ou Anemia de Cooley, é a forma mais grave da doença, causada

pela transmissão de dois genes defeituosos, provocando anemia profunda e outras alterações orgânicas importantes, como o aumento do baço, atraso no crescimento e problemas nos ossos. Estarei atualizando 24 horas por dia os níveis de oxigênio em seu sangue, datas e locais das transfusões de sangue regulares e lhe fornecendo medicamentos para retirar o excesso de ferro que se acumula em seus órgãos. A Electric Dreams está procurando um doador de medula óssea compatível com você nesse exato momento. Viva seu sonho acordado.

— Mãe? Por que a moça do computador tem a voz da Sky?

Gibson Wills estava sentado em seu mais novo sofá, com os pés sob a mesa de vidro pequena na sala da torre de sua companhia. Acendeu um cigarro e levou-o aos lábios, degustando a nicotina, sorrindo para si mesmo em frente as telas que mostravam seu sucesso. Sua consciência estava finalmente limpa. Estava levando ajuda àquelas crianças quebradas, ele apenas as quebrou um pouco mais, mas agora estavam sendo montadas novamente por ele mesmo. Cada um deles deveriam lhe agradecer, caírem de joelhos e sorrirem de alegria por terem um salvador. Era dono do mundo e tudo que ganhava era protestos em frente à sua empresa. Agora estava fazendo o mundo dobrar aos seus pés. Ele sugou a fumaça para dentro de seus pulmões. Seu micro sensor se ativou de repente, o notebook sob a mesa piscou. Estranho, apenas ele conseguia se conectar às máquinas da casa, não o contrário. A tela foi clareando e começou a descer números binários como uma corrente. — QUE MERDA É ESSA? — Ele saiu do sofá encarando o aparelho chovendo números, ele sabia, estava sendo hackeado. Uma mensagem surgiu em vermelho sangue piscando em segundos: INIKO 410. Ele começou a correr em direção à janela de vidro de sua torre contra a sua vontade. Caiu 50 andares e tudo que restou foi seus restos esmagados.

Uma criança apagou um fósforo do outro lado da cidade. Dedos digitavam habilmente em um centro de pesquisa. Pés se arrastavam até o teatro desativado há décadas, uma meia lua de cabeças expondo suas ideias. Dentro de um arranha-céu uma mente destruía bloco por bloco.

ALE MARQUES é o pseudônimo de Alessandra Moresco Marques, que nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, em 2001. Participou das antologias literárias *Desvende-me* e *Esse seu jeito doce com que tu me acaricias* da editora Jogo de Palavras, Entre Processos e Baratas, da editora Persona e *Leia-me às 03h:03min* organizado pelo blog Covil da Discórdia. Recebeu o primeiro prêmio no concurso da Filo-Lisboa 2020. Atualmente possui um blog literário chamado *Infecções Lacônicas* o qual mescla fotografia com a escrita.

ALGUMAS COISAS NÃO MUDAM

Nara Assis

Todos os dias assistíamos ao jornal, durante as refeições. A expressão concentrada deixava meu pai mais parecido com os orientais, era impossível desconfiar da descendência japonesa. No rosto redondo, meio achatado, destacavam-se os olhos atentos, levemente puxados. Eu ficava impressionada em como ele entendia tudo o que diziam nos noticiários.

Acontecia, algumas vezes, de minha irmã e eu ficarmos curiosas sobre as coisas que saíam da TV, umas palavras que a gente desconhecia. Hoje eu penso que minha mãe também tinha curiosidade, só que continha os pensamentos. “Shiiiiiuuuu”, ela fazia quando tentávamos perguntar algo ao meu pai. Duas coisas inúteis. Ele não ouvia qualquer voz que estivesse fora daquela tela.

O intervalo comercial era a nossa chance, exceto quando meu pai emendava um comentário sobre a última reportagem exibida. Às vezes minha irmã e eu começávamos uma discussão sobre quemalaria primeiro. Enquanto isso, minha mãe se irritava e mandava parar já com aquilo. Junto com a paciência dela, acabava o tempo.

Lá estava meu pai de novo com os olhos vidrados na televisão, as grossas sobrancelhas contraídas, os lábios também volumosos que, sem ele perceber, formavam um discreto bico. Os anos passaram e o ritual se expandiu. Além dos jornais, de segunda a sexta-feira, a TV agora roubava a atenção do meu pai exibindo corridas da Fórmula 1, aos domingos.

Conforme fui crescendo, busquei sempre me informar sobre as atualidades do mundo, principalmente a política, que eu notei ser o assunto que ele mais gostava. Comecei, então, a fazer comentários mais qualificados, primeiro pra impressioná-lo, e também pra ver se conseguia salvá-lo do feitiço daquelas imagens e sons.

Isso serviu pra alimentar as discussões com a minha irmã. Ela dizia que eu só queria aparecer e fingir que era inteligente. Quando minha mãe não conseguia apaziguar os ânimos, acontecia o pior. Meu pai saía de seu transe e voltava os olhos frios para nós. Os vasos sanguíneos todos serenos no globo ocular.

O gelo que emanava daquele olhar nos deixava paralisadas. Era terrível, e toda vez que acontecia voltava na boca o gosto do jiló que comi uma vez porque minha mãe insistiu. Uma virada de cabeça era o suficiente pro silêncio voltar a reinar. Nosso silêncio. A TV continuava tagarelado sem parar.

Arrumei também um ritual pra mim. A preparação começava ainda na cama. Todas as noites, enquanto esperava minha irmã dormir, com os olhos fechados, eu mentalizava os olhos do meu pai. Depois, eu levantava da cama, ia pra sala de jantar e sentava na frente da TV. Ficava alguns minutos ali, reproduzia aquele olhar e encarava a tela. Fazia o melhor que podia.

Na primeira manhã seguinte ao ritual, fui pra escola já pensando em voltar pra casa, torcendo pra ter funcionado. Que decepção! Quando sentamos em volta da mesa pra almoçar e meu pai apertou o botão, a tela iluminou-se. Imagens e sons em perfeito estado. Não desisti, estava convicta de que precisava aprimorar o olhar. “Mais frieza, Mariana, concentre-se”.

Numa dessas noites, depois de alguns minutos, escutei um barulho dentro da TV. Mantive os olhos firmes nela, com o máximo de frieza possível. Estava sem piscar, quando uma mancha passou de um canto ao outro da tela, uma forma esquisita que não consegui discernir. O susto desestabilizou meu foco, ouvi mais um ruído dentro da TV. Esperei um pouco, e como só houve silêncio, fui dormir.

Acordei com a sensação de que havia chegado o grande dia. Lembro que na noite anterior minha mãe disse que ia fazer lasanha no almoço. Foi o máximo que ela conseguiu falar antes que meu pai desaparecesse da cozinha, que ele visitava pra beber água. No caminho pra escola eu já sentia o cheiro dos dois molhos que minha mãe fazia pro recheio, um vermelho bem forte e outro branco mais encorpado.

A mistura dava uma sensação de aconchego, uma camada de molho vermelho, uma de massa, o outro molho, queijo, presunto, e tudo de novo. Camadas diferentes que, com o calor do fogo, aderiam uma a outra. A massa, que demorava mais a cozinhar, parecia meu pai, os molhos que borbulhavam e envolviam todos os ingredientes no forno eram minha mãe. Sobrava pra mim, manteiga derretida que era, o queijo. Minha irmã, que puxou meu pai e era durona, tinha mesmo que ser um presunto. A fatia continuava inteira depois de quase uma hora no fogo.

Voltei da escola feliz, nem dei atenção às provocações da minha irmã.

Meu pai ainda estava a caminho. Ofereci ajuda pra minha mãe, coisa que ela estranhou. Colocamos a mesa e meu pai, enfim, entrou em casa. Disse um breve “oi”, foi tirar a farda e lavar as mãos. Sentamos em volta da mesa, minha mãe alegre exibindo sua obra de arte em forma de comida, enquanto eu acompanhava o movimento do meu pai em direção a TV de forma obsessiva.

Ela continuava perfeita e deu início ao encantamento. Meu apetite foi embora em menos de um segundo. Comi pra não fazer desfeita à minha mãe. Passei o resto do dia sem dizer uma palavra e olhando torto pra televisão. À noite, concentrei todas as minhas forças no ritual, fiquei um pouco mais na cama invocando os olhos do meu pai, depois levantei e segui até a tela.

Sentei e a encarei sem medo. Fiquei alguns minutos assim, evitei piscar e me movi o mínimo possível. A atmosfera foi ficando mais pesada. Continuei concentrada. Senti um arrepio e em seguida fiquei sem ar. Quando recuperei o fôlego, estava em cima de um cabo grosso e havia outros iguais a ele por toda a parte. No meio da penumbra, vi um ponto de luz que vinha em minha direção. Então, uma voz fina gritou:

— O que você quer?

Tentando entender onde eu estava, ainda um pouco zonza, hesitei em responder. A voz insistiu.

— Todas as noites você senta aqui na frente com cara de quem viu um fantasma. O que você quer, afinal?

Eu tentava elaborar algumas palavras enquanto um ser minúsculo com uma aura luminosa se aproximava. A luz ofuscava os detalhes, mas me dei conta que a forma era idêntica à sombra que eu tinha visto na noite anterior. Então, balbuciei:

— Eu...eu, quero que vocês parem de...de...de enfeitiçar meu pai.

— Ora, menina, não tenho tempo pra divagações, é melhor ir direto ao ponto.

— Vocês ficam segurando meu pai todos os dias, ele não conversa, não tira os olhos das imagens e só tem ouvidos pra você, vocês, pra esse tubo.

A figura soltou uma gargalhada cínica e depois questionou:

— O que espera que eu faça?

— Apenas pare de funcionar, como se tivesse algum defeito, tire alguma peça do lugar, qualquer coisa.

— Ótimo plano. Assim que isso acontecer, seu pai vai chamar a

assistência técnica e, num passe de mágica, tudo volta a funcionar.

A criatura até que era bem inteligente. Eu não tive tempo de elaborar um plano. Não é todo dia que se é abduzido pra dentro da TV. Com agilidade, me propôs:

— O que posso fazer é aparecer na tela, dizer algumas palavras sem sentido e assustadoras, depois desligar a tela e soltar uma fumaça.

— Ótima ideia!

— Mas não é tão simples assim. Há consequências que eu não posso prever...

— Posso te dar um pedaço da lasanha do almoço. Acredite, é a melhor do mundo! – arrisquei.

— Não funciona assim, querida. Ou você assume as consequências ou não poderei fazer nada.

— Eu aceito.

— Mas que menina corajosa! Qual o nome do seu pai?

— Pedro.

Fui dormir contente. Precisava controlar a ansiedade pra evitar mais uma decepção. A espera durou até a noite seguinte.

O plano foi um sucesso. Confesso que senti um pouco de pena do meu pai, que ficou assustado com a criatura falando sandices. Achei até meio exagerado. Disse que a TV roubava a alma das pessoas, que era como um feitiço e que precisava se livrar dela imediatamente. Como chamou meu pai pelo nome, a cena foi bem convincente. Quando a fumaça sumiu no ar, meu pai ordenou: “Estão proibidas de comentar o que houve aqui com os outros”. Acenamos com a cabeça que sim.

Quando acordei e fui tomar o café da manhã a TV já não estava lá. Queria ver meu pai, dar um beijo de bom dia, conversar sobre as coisas que aprendi na escola. Ele havia saído bem cedo pra se livrar do equipamento amaldiçoado. Meus olhos brilharam.

Na escola, a professora fez muitos elogios, por causa de uma redação que escrevi dias antes e li em sala de aula. A folha continha a nota dez e um “Excelente!”. Voltei pra casa toda orgulhosa, contei à minha mãe e ela deu um meio sorriso, tentando esconder a tristeza nos olhos.

— Papai já chegou pro almoço? Quero mostrar pra ele.

— Ele não vem mais – disse, e me estendeu uma carta.

NARA ASSIS é formada em Jornalismo (2009) e servidora pública estadual desde 2014. Escreve textos jornalísticos e artigos de opinião. Passou a escrever contos há um ano e trabalha no projeto de um romance.

PRISIONEIRO DE SI MESMO

Pedro Coppola

Senti a carne de seu rosto sendo amassada em minhas mãos, o estalo do osso zigomático e o barulho seco de quando o corpo dela caiu no chão. Minha própria Giu esqueceu que era só minha, me obrigou a fazer isso. Só que o complexo pagava a polícia privada, e os filhos da puta dos vizinhos os acionaram logo que a gente tinha começado a gritar. Eles me jogaram atrás na viatura e cortaram todos os *feeds*. Era pra eu enxergar tudo preto até chegar na delegacia, mas por dentro eu só via vermelho.

A delegacia era limpa em termos de *feeds*. Algumas transmissões locais, bastante gente em comunicação privada. Alguns hologramas inteligentes assistiam os policiais, com apenas dois hologramas corporativos perto das máquinas de refrigerantes e beliscos. Os *privadas* me jogaram em uma sala pequena no porão deles, um lugar escuro e com transmissões cortadas. Pensei: *que se foda*, não tinha mais a quem chamar. Nem mesmo tiraram minhas algemas. O *privada* só apertou um botão, um cano preto saiu do teto e sugou a algaema para cima, me deixando com os braços presos acima da cabeça e sem ter como me sentar. O *privada* sentou em uma cadeira ali na frente e puxou minha ficha.

— Você tem um acúmulo absurdo de créditos contra o estado. Desde que fugiu aqui para Nova São Paulo, só fez merda.

Respondi com um olhar torto, que não deixou ele mais contente.

— Mas fica frio — ele afastou minha ficha de sua frente. — Tem um experimento novo da Corporação *Mercurium* que vai pagar tudo que você deve e ainda te resgatar uns créditos a mais. Só preciso da sua assinatura aqui.

Ele me direcionou um arquivo que pedia minha assinatura eletrônica. A resposta foi um cuspe que atravessou o arquivo e caiu na camisa do *privada*. Ele não deve ter achado tanta graça, mas forçou um sorriso.

— Não tem problema. *Analfa*, né? Só assinar aqui com sua digital.

Ele arrastou uma digital da minha ficha para o arquivo, depois afastou tudo e estalou os dedos. Fui eletrocutado pelo cano que prendia as algemas, e tudo ficou preto.

Quando acordei, não sentia nada além do calor de uma coberta. Eu a puxei, e ficou tudo estranho pra caralho. Meu corpo estava pequeno, miúdo. Era o corpo de uma mulher e eu reconhecia aquela tatuagem de caveira no meu braço. Também tinha aquele filminho dos passarinhos passando no meu ombro. Era a porra do corpo da Giu. E, dormindo do lado dela, eu reconheci aquele corpo de garanhão filho da puta.

O braço dele passou por baixo da minha cabeça com o cuidado de um trator. Olhei para o lado e vi meu rosto, um sorriso de quem queria alguma coisa.

— Giu? — perguntei. — Os *privada* filha-da-puta fizeram alguma coisa. Eles trocaram a gente de corpo.

— Teve recaída daquele cyber de ontem? — meu outro eu disse. — Fica fria, boneca. Eu acordei com um tesão lascado.

— Vai te foder, Giu. Se tu fizer alguma coisa enquanto a gente tá trocado, eu estouro tua cara.

Ela avançou com meu corpo, virando para cima de mim com todo seu peso, passando uma mão em meu peito e outra devagar por meu pescoço.

— Essa é a tara que tu tá afim hoje? Fingir que a gente trocou de corpo? Sabia que tu era perturbada, mas fritaram teu cérebro se tá achando que vou fingir ser uma vadia louca.

O sorriso continuava lá, e não parecia em nada com o da Giu. Mesmo assim eu arranhei seu rosto com aquelas unhas cromadas que já fizeram isso em mim antes. Mas só serviu para tirar seu sorriso e me lembrar do que fiz quando a Giu tentou isso comigo.

Tomei o primeiro soco, não tive tempo de ver. O segundo abriu minha sobrancelha e aí eu só enxergava vermelho.

— Vai dar uma de louca pra cima de mim? ¬— ele gritou. — Também sei meter o louco!

Tentei segurar os braços dele, mas os outros socos ainda acertaram, um atrás do outro.

— E se tu tá achando que isso tirou meu tesão, vou te garantir que não!

Não apaguei de imediato, fiquei por alguns momentos entre acordado e dormindo. Mas senti tudo que aconteceu antes de desmaiar.

Acordei quando o sino tocou para avisar que alguém entrou. Meu corpo ainda era fino e magro, mas dessa vez eu era um homem sentado no

balcão de uma loja de conveniência, não era eu mesmo. Mini-hologramas dançavam pelo balcão, apontando e chamando a atenção para as balas e cigarros que tentavam vender. Uma transmissão de MMA seguia ali pelo meio da loja, atravessando as prateleiras enquanto os oponentes trocavam socos e pontapés.

Por um momento até esqueci que entrou alguém na loja, mas percebi que ele ia se esgueirando entre os lutadores para ficar escondido. Aos poucos minha memória foi voltando, até que aquele sorriso sacana apareceu. Lá fora, chovia forte e não dava para ver nenhum dos frentistas, como se o posto estivesse deserto.

O homem ia se aproximando, e colocou a escopeta no balcão da mesma forma que eu fiz anos atrás. Foi aí que eu tive certeza do que os *privadas* fizeram. Estavam usando minhas memórias, só que me trocando de lugar com aqueles que ficaram no meu caminho. Alguma daquelas bostas de me colocar no lugar dos outros.

— Vou te dar duas opções — ele disse, sorrindo. — Mas tu só quer ouvir a primeira delas, isso eu te garanto.

Eu não fui trouxa que nem aquele que trombei na loja de conveniência. Sabia que a escopeta foi descarregada antes de chegar ali. Então eu peguei ela do balcão, como o idiota fez antes, mas a usei pra acertar a cara daquele escroto.

Só que ele era mais rápido do que eu, e muito mais forte. Aparou a escopeta com um braço, puxou ela das minhas mãos com tanta força que quase me deslocou o braço, e enfiou a empunhadura em meu nariz com toda força, espirrando sangue pelo balcão e me jogando para o chão.

— Que azar, tu escolheu a segunda opção. — Ele gargalhava, saltando o balcão e já caindo com a escopeta em minha cara de novo. Em seguida bateu em minha cabeça várias vezes, e eu só conseguia pensar que não foi assim que aconteceu, não com a escopeta. Até que escutei um estalo forte de embrulhar o estômago, o barulho de líquido se espalhando, e tudo ficou preto mais uma vez.

Quando vi a Giu na minha frente de novo, gritei:

— Sua puta! Isso é tudo culpa tua!

Mas escutei uma voz atrás de mim:

— Cê tá de graça com minha mina, seu bosta?

Virei e vi aquele meu sorriso sacana de novo, e percebi que eu era

o traficante que estava de conversa com a Giu daquela vez. Tudo ficou preto rápido, com algum vermelho antes.

Logo depois eu já era a Giu de novo, no dia que ela me deixou puto por ter derrubado minha cerveja, e a dor logo foi vermelha, o preto demorou mais.

Eu via aquele sorriso sacana sempre, antes dele fazer alguma merda muito grande. Nem sempre morte, mas sempre horrível. E chegou um momento que nem lembrava quem eu era mais. Eu não era ninguém, a não ser um cara que cruzou o sorriso sacana na hora errada.

Minha vida oscilava entre o vermelho e o preto, até o dia em que acordei naquele porão de novo, no que devia ser meu próprio corpo. Não dava pra dizer quando tempo se passou, mas sentia ele estranho, menor. Mas era meu corpo de verdade, tinha certeza.

— O experimento foi um sucesso — aquele *privada* disse. — Só alguns meses e você está reabilitado.

— Eu... posso ir pra casa?

— Com muito mais créditos do que antes.

Ele me conduziu para fora da delegacia e pediu um carro para me levar de volta ao complexo. Por sorte não tinha ninguém dentro do carro, porque eu fui chorando o caminho inteiro.

No complexo, ninguém cruzou o olhar com o meu, ninguém sabia o que aconteceu. Nem sabiam que eu não era mais a mesma pessoa, não era mais ninguém. Mas talvez a Giu ia entender. Por minha causa, ela já passou por isso.

Meu apartamento não aceitou minha digital, então toquei a campainha. E a Giu abriu a porta. Ela parecia mais forte do que antes, mais bonita também. Seus olhos arregalam quando me viu, mas eu desabei em choro perto dela. Só queria abraçá-la. E então senti uma dor e minha barriga molhando. Uma lâmina saiu do pulso da Giu, direto nas minhas entranhas.

— Você esperava que ia voltar aqui e ia ser tudo igual, seu filho da puta? Achava que eu não tava preparada pra você?

Puxei sua blusa enquanto escorregava para o chão, tentando segurar o sangramento, mas era muito sangue. E eu vi em seu rosto aquele mesmo sorriso sacana que eu sempre via em mim, até que desabei naquele monte de vermelho líquido. E tudo ficou preto de vez.

PEDRO COPPOLA ASSIS nasceu em Marília, SP. Desde pequeno desenvolveu um gosto peculiar por terror, fantasia e ficção científica. Suas histórias tendem a explorar os conflitos humanos e suas consequências em situações absurdas.

EM BUSCA DE ABRIGO

Verônica Barboza Scartassini

Por volta de agosto iniciei minha mudança para uma cidade que nunca havia ouvido falar o nome na vida. Tinha acabado de terminar um relacionamento e de abandonar o emprego, eu estava desolado. Minha vida estava empacada e decidi dar um novo rumo a ela iniciando do zero em outro lugar. A escolha da cidade foi relativamente fácil. Abri o mapa do estado no meio da sala, virei de costas e atirei um dado depois de pronunciar as palavras:

— A minha vida está uma merda. Estou cansado disso tudo, Universo, por favor, me dá uma luz que eu vou agarrar com unhas e dentes essa oportunidade.

Como se o Universo tivesse me atendido, o dado caiu em uma cidade a oeste, mais ou menos 500 km de onde eu morava. Confesso que suei frio, mas eu havia feito uma promessa e seria muita covardia não ir adiante com esse plano. Abri meu notebook e fiz uma rápida pesquisa para a nova região que iria morar. Era uma região pacata, com poucos casos de assaltos, roubos e homicídios, no entanto, por um dado um tanto macabro, era também um lugar com muitos suicídios. Apesar disso, a cidade era conhecida, principalmente, por seus elevados, bosques e parques. Vendo as fotos, fiquei encantado e acreditando que ali poderia ser um lugar tranquilo para morar e viver uma vida em paz.

Imediatamente comecei a listar imobiliárias e a ver os imóveis disponíveis. Notei que eram todas casinhas muito simples, algumas reformadas, mas que conservavam o ar original do final do século XVIII. Achei curioso. Voltei a pesquisar a região e percebi que ignorei o contexto histórico e me detive, apenas, nos aspectos turísticos. Além de ser um local de paisagem exuberante, tratava-se uma região de colonização europeia do final do século XVIII e a cidade mantinha as fundações de sua imigração, uma forma de manter viva sua relação com o Velho Continente. Mais um ponto para a cidade. Suspirei, senti um cansaço extremo, o que não era surpreendente tendo em vista que já eram três horas da manhã. Confiante de que meus planos estavam dando certo, fui dormir.

Ao que tudo parece, minha confiança era alimentada dia a dia. No momento não levantei suspeitas sobre isso, afinal, tudo dar tão certo é algo que levanta as suspeitas de todo ser humano, mas hoje, olhando como tudo ocorreu, vi que eu deveria ter ficado mais esperto, mais atento. Não sou um sujeito religioso, tampouco acredito em coisas sobrenaturais, mas o que eu esperava ser um futuro mais pródigo tornou-se um verdadeiro inferno.

Em menos de uma semana já estava estacionando na frente da minha nova residência. Encontrei uma casa que tinha sido recém reformada e, em uma sacada imobiliária fantástica – ao menos era o que eu pensava –, os donos do imóvel tinham pensado em todos os detalhes. Além de possuir aquecimento a gás e calefação, a casa estava toda mobiliada, incluindo decoração, roupas de cama e toalhas nunca usadas. Tudo por um preço que se encaixava no meu orçamento. Cheguei lá apenas com as roupas que mais gostava, meus livros, meus eletrônicos e meu travesseiro.

Feliz da vida pisei no hall de entrada e, talvez por estar feliz, não reparei que algo estava diferente. Abri todas as janelas, a casa era espaçosa, tinha os cômodos grandes e diversas janelas permitindo que a luz solar fosse o ponto principal, mas tinha um detalhe, naquela região do país o sol se apresentava poucas vezes ao ano, de modo que quando me mudei, a sala estava iluminada por uma luz cinza.

Após arrumar todas as minhas coisas, resolvi passar um café e fazer uma torrada. Sentei no sofá e fiquei observando minhas acomodações. Eu estava feliz, morava em uma casa ao pé de um morro, com vistas para um bosque e tudo era confortável. Enquanto pensava na minha sorte, ouvi um estalo, parecia vir do chão e era consistente.

Eu estava feliz, mas morto de cansado. Viajar dá mais trabalho do que se imagina, se mudar e viajar no mesmo dia é trabalho dobrado. Para abafar um pouco o barulho liguei a televisão. Ao menos até terminar minha refeição. Estava dando o noticiário local e confesso que me distraí. Gostei das notícias, eu estava propenso a gostar de tudo, isso é bem verdade. Aos poucos vi o ambiente diminuindo, diminuindo...

Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Será um passarinho? Que som é esse? Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Senti como se flutuasse, tudo em mim era leve, leve, leve, leve. Apurei meus ouvidos e resolvi seguir o som, toc-toc, toc-toc, toc-toc. Vi um ponto escuro no chão. Era um buraco. Desci pelas escadas, mas não descia com os meus pés, era como se eu voasse, como se

mergulhasse na escuridão. Estava imerso nela. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Será meu coração? Pus as mãos no peito. Não era. Eu estava vazio, oco. Fiquei assustado e me pus a correr. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. O barulho aumentava. Corri. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Que desespero! Barulho maldito! Corri mais ainda, corri e corri e acabei dando de frente com uma parede. A dor era real. Minha testa sangrava. Olhei para baixo e vi um livro. Que esquisito, Senhor, estou louco? Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Toc-toc, toc-toc, toc-toc.

Acordei sobressaltado. A porta parecia que estava sendo posta a baixo, e bem, acho que estava mesmo. Um grupo de pessoas batia e gritava a frente da casa. Eram os moradores da cidade que vinham me dar as boas-vindas.

— Boa tarde, vizinho! Abra a porta!

Imediatamente me pus a receber meus convidados, eram todos homens. Achei estranho, mas os recebi de bom grado. Não havia cerveja, nem outra bebida alcóolica, nada que indicasse ser um grupo masculino que bebe e joga conversa fora. Outro ponto é que todos tinham um broche no peito. Era uma figura disforme, como se fosse um desenho impresso diversas e diversas vezes até perder o formato original. De qualquer forma, tudo ocorreu normalmente e, após uma conversa casual, eles foram embora. Pelo que entendi, só queriam me conhecer e dar as boas-vindas.

Depois disso ocorreram uma sucessão de fatos que não sei explicar. O barulho não parou por nada. E não bastasse isso, as coisas aos poucos começaram a não funcionar. Primeiro foi o chuveiro, depois foi a geladeira, em seguida a televisão. Elas simplesmente paravam de funcionar. Não obstante, passei a sonhar o mesmo sonho todas as vezes. Passei a acordar no meio da noite todo assustado, até que, virar os dias acordado não me pareceram fora da rotina. Parei de dormir longas horas e passei a tirar pequenos cochilos.

Aos poucos fui tomado por uma sensação de medo e infelicidade. O barulho não passava e, aos poucos, outros foram sendo agregados. As janelas batiam sem explicação. Quando eu menos esperava ouvia um “bum” e todas as janelas batiam em uníssono. Às vezes eu ouvia um barulho no telhado, como se fosse uma pedra, mas não era algo que me deixasse tranquilo, pelo contrário, me assustava. A batida da pedra no telhado ressoava em toda a casa, como badaladas de um relógio de corda.

Um dia pela manhã recebi, inexplicavelmente, um dossiê. Era um

compilado de fotos minhas desde o dia que cheguei na cidade. Fiquei assustado e imediatamente comecei a vasculhar cada canto da casa. Cada centímetro passou por uma inspeção minha. Busquei por câmeras, sensores, controles, tudo e qualquer coisa que pudesse me deixar mais calmo. Quando dei por mim, a casa toda estava revirada. Desliguei as luzes e fiquei parado, esperando. O medo se apossou de mim e, juntamente com a privação do sono e os barulhos incessantes, eu sentia que estava enlouquecendo.

No outro dia, na minha porta estava um bilhete com os dizeres “assisto você” e uma corda. Foi o bastante para eu dar queixa. Levei tudo que tinha aparecido de maneira misteriosa e a polícia disse que ia investigar. Procurei me tranquilizar, mas era difícil. Voltei para o que pensava ser meu refúgio e tentei dormir, novamente fui tomado pelo mesmo barulho e acordei com pegadas de animais e rastros de sangue na minha porta.

Confesso que não esperei pelas investigações policiais, fui imediatamente embora. Viajei mais uns 500 quilômetros, pronto para me afastar daquela cidade.

Anos mais tarde eu descobri, a cidade não gostava de imigrantes. Formavam uma comunidade coesa que queriam perpetuar sua cultura, sem interferência de “estrangeiros”. Eles colocavam para alugar casas como a minha para atrair turistas, mas conforme os anos foram passando, perceberam que as pessoas queriam continuar nas casas e, por isso, fizeram um sistema para espantar os recentes moradores. As pessoas acreditavam que eram manifestações demoníacas e, como a comunidade era muito fechada, não conseguiam estabelecer laços sociais uns com os outros para procurar ajuda, seja ela terrena ou espiritual. A polícia sabia disso e não investigava. Tratava-se de um esquema cruel de prática de xenofobia. É como Sartre diz, “o inferno são os outros”.

VERÔNICA BARBOZA SCARTASSINI é porto-alegrense, mas mora em Niterói (RJ). Possui bacharelado em Biblioteconomia, mestrado em Informação e Comunicação pela UFRGS e, atualmente, é estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF. Apaixonada desde criança por Literatura e Bibliotecas busca se aperfeiçoar na arte da escrita.

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Fizemos uma tentativa de lançar a Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF), porém, eu, Maurício Coelho, estou sem tempo para continuar o projeto. Apesar disso, você pode conhecer a ABFCF [clicando aqui](#).

Mensalmente, estamos lançando campanhas de financiamento coletivo. Quero agradecer a todas as pessoas que estão nos ajudando na divulgação. Como sabem, nosso alcance ainda é pequeno. Graças ao *crowdfunding* conseguimos publicar a antologia *Longe do aqui e do agora*, obra até então sem tradução para a língua portuguesa, de Clare Winger Harris. Gostaria de agradecer em especial ao escritor e editor Justine Kerston da *Solarpunk Magazine* pela grande contribuição ao projeto.

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!